

Segunda Geração da Teoria do Meio: a contribuição de Meyrowitz¹

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa²

Universidade Católica de Brasília e Faculdades Integradas Icesp

Resumo

A Teoria do Meio é a corrente de pesquisa que estuda os efeitos da inserção de um novo meio de comunicação nas sociedades. Os primeiros autores que se dedicaram ao exame dos meios propriamente ditos foram Harold Innis e Marshall McLuhan, nas décadas de 50 e 60. Eles fazem parte da primeira geração da Teoria do Meio porque se dedicaram a análise dos efeitos dos meios sob o ponto de vista das transformações macrossociais. A segunda geração, cujo principal representante é Joshua Meyrowitz, se coloca o desafio de diminuir o nível de abstração e as lacunas da primeira geração analisando o fenômeno a partir de uma perspectiva microsocial. O objetivo desse artigo é apresentar e discutir, na medida do possível, a contribuição de Meyrowitz ressaltando os aspectos teóricos e metodológicos que o autor agrega à Teoria do Meio.

Palavras-chaves

Teoria da comunicação; meios de comunicação; teoria do meio; Joshua Meyrowitz.

Teoria do Meio é a corrente de pesquisa, batizada pelo americano Joshua Meyrowitz, na década de 80, que se concentra no exame dos meios de comunicação propriamente ditos. De acordo com o autor, fazem parte da primeira geração de pesquisa dessa corrente Marshall McLuhan e Harold Innis, além de outros autores.

Para a Teoria do Meio, cada meio de comunicação cria um ambiente único que propõe uma inter-relação singular entre os órgãos dos sentidos humanos. As transformações podem ser percebidas tanto no nível micro (a definição dos papéis sociais) quanto no nível macro (as mudanças nas instituições sociais). O que interessa aos teóricos do meio é como a inserção de um novo meio de comunicação pode alterar o comportamento social das pessoas e das instituições. Não é por acaso que Meyrowitz batizou essa linha de pesquisa no singular – Teoria do Meio. Além de ficar mais claro o interesse pelas características particulares de cada meio de comunicação essa diferenciação também distingue a Teoria do Meio de outras correntes de pesquisa sobre os canais de comunicação.

¹ Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Janara Sousa é jornalista e mestre em Comunicação, pela Universidade de Brasília. Atualmente, ministra aulas nos cursos de Comunicação, das Faculdades Integradas do Icesp e da Universidade Católica de Brasília. No momento, realiza pesquisa sobre epistemologia da Comunicação e faz curso de formação em Psicanálise Contemporânea. E-mail: janara@ucb.br

A primeira geração se preocupou com o estudo dos efeitos dos meios de comunicação em termos macrossociais. Innis e McLuhan estavam preocupados com as mudanças que as grandes instituições sociais (como, por exemplo, Estado e Escola) poderiam sofrer por conta da inserção de um novo meio. Innis, por exemplo, se dedicou, entre outras coisas, ao estudo da ascensão e queda dos impérios antigos por causa da utilização da escrita.

Uma das principais contribuições que esses autores trouxeram e que, em certa medida, dá a singularidade dessa corrente de pesquisa é a divisão da história da humanidade em função dos meios de comunicação predominantes em cada época. Fase oral, fase escrita/impressa e era eletrônica são as divisões na história que os teóricos dessa corrente fazem para ratificar a importância da forma do meio de comunicação. Ou seja, a forma de cada meio apresentar as informações influencia diretamente nosso comportamento. Por exemplo, o meio impresso, mais burocrático e formal, aliado a outros fatores, marcou a Idade Média com essas mesmas características. Já a era eletrônica, mais informal, marca uma geração também mais informal e heterogênea.

A proposta da segunda geração traz os elementos da primeira e difere dela, principalmente, por se preocupar com os efeitos microssociais dos meios de comunicação, ou seja, sobre como o comportamento do indivíduo muda por causa dessas tecnologias.

Apesar de trazer uma proposta inusitada, clara e pertinente para a pesquisa em Comunicação, durante algum tempo os estudos de McLuhan foram rechaçados por grande parte da comunidade acadêmica da área. É somente no final da década de 80 que a Teoria do Meio retoma o fôlego nas pesquisas do saber comunicacional. É exatamente na época em que nos deparamos com o movimento de globalização mais intenso, com a crise do sistema educacional, com a consolidação dos movimentos de minorias (mulheres, crianças, negros e etc), com as discussões sobre o ciberespaço, afinal numa época em que a profunda influência dos meios eletrônicos é visível e irreversível, que os pesquisadores já não acham as colocações de McLuhan tão aberrantes e impossíveis. Foi a partir daí que a Teoria do Meio começou a se consolidar como um campo de estudo dinâmico, unificado e continuado.

Muito dessa consolidação nós devemos a Joshua Meyrowitz, professor do Departamento de Comunicação, da Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos. Meyrowitz, em 1985, escreveu o livro *No Sense of Place - The Impact of Electronic Media on Social Behavior*³ que é, sem dúvida, um marco nos estudos da Teoria do Meio. É nessa obra que o

³ MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place – the impact of electronic media on social behavior*. Nova York: Oxford University Press, 1985, 416p.

autor identifica e organiza os estudos do meio. Meyrowitz contribuiu imensamente para essa Teoria não só porque conseguiu identificar e reunir seus autores e pressupostos mais importantes, mas também porque conseguiu abordá-la de uma nova perspectiva e lançar novos desafios dentro dos estudos do meio. O autor é o primeiro estudioso a reconhecer a unidade da Teoria do Meio e retomar as idéias dos teóricos do meio com toda a vivacidade e contemporaneidade, que lhes são peculiares.

A maior contribuição que o autor traz para a Teoria do Meio é a convergência dos estudos do meio ao Interacionismo Simbólico⁴, fazendo com que Meyrowitz se autodenomine como participante da segunda geração dessa corrente. O que o autor propõe agora é diminuir o nível de abstração colocado pelos autores da primeira geração. As proposições de McLuhan e Innis estão no nível macro – o das instituições. Os autores trabalham a influência dos meios nas nossas instituições sociais e, portanto, colocam suas afirmações de forma geral e longe do dia-a-dia das pessoas comuns. Isso provavelmente foi um dos obstáculos que os autores enfrentaram porque suas asserções não podiam ser facilmente percebidas pelos cidadãos comuns.

Meyrowitz também considera que o alto nível de abstração na obra de Innis e McLuhan comprometeu, em parte, o trabalho desses autores porque ficaram algumas lacunas sem explicação sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade.

Em alguns casos, Innis e McLuhan estabelecem conclusões sem deixar claro os argumentos que os levaram às mesmas. A obra deles é extremamente densa e complexa porque estão sempre usando situações históricas para refletirem sobre a importância dos meios de comunicação. É muito difícil provar suas afirmações porque não há como reproduzir as situações históricas em laboratório. Innis, por exemplo, baseia toda a sua obra nos relatos de fatos históricos da História Antiga e Medieval até a Idade Média. Além dos problemas já citados, a recuperação de informações históricas também é muito complicada por causa da precariedade dos meios de comunicação utilizados no passado. Os autores também trabalham com aforismos e metáforas que exigem alto nível de abstração. Sobre McLuhan, Meyrowitz (1985, p.21) comenta: "como uma mística religião: o mclunianismo parece como uma irresistível verdade para aqueles que acreditam nele e como uma farsa para aqueles que não

⁴ O conceito de Interacionismo Simbólico foi criado por George Mead, da Escola de Chicago, em 1937. O Canadense Erving Goffman (1922-1983) também integrante da Escola de Chicago, sofreu grande influência da Escola de Palo Alto e aliou a pesquisa do Interacionismo Simbólico a várias abordagens como, por exemplo, a dramaturgia. Um dos principais livros que o autor escreveu foi: **A representação do eu no cotidiano social**, em 1959.

acreditam".⁵ O mais importante a comentar é que as pesquisas de Innis e McLuhan foram revolucionárias para a sua época e como eles trataram seus pressupostos como verdades visíveis e acessíveis deram margem a confusões nas interpretações de suas obras. Os autores se preocuparam mais em levantar questões e perspectivas para instigar o meio acadêmico do que formar uma teoria rigorosa e detalhada.

Para dar continuidade às pesquisas da Teoria do Meio, Meyrowitz se empenhou na busca de tornar mais rigorosa, do ponto de vista científico, essa investigação. Para tanto, o autor propôs a união com o Interacionismo e fez um estudo de caso da televisão, na tentativa de tornar mais clara e, portanto, mais visíveis as assertivas sobre os efeitos dos meios.

▪ 1 – A Teoria do Meio e o Interacionismo Simbólico

Os meios de comunicação não só mudam o nosso sentido de lugar como também criam novos ambientes sociais. Como poderíamos definir o ambiente social criado pela televisão? Milhões de pessoas no Brasil dispensam parte de seu tempo para acompanhar a programação televisiva para depois ter assuntos para discutir com os amigos. A intimidade das figuras públicas é devassada nos programas televisivos e nós discutimos no dia-a-dia a privacidade dessas pessoas, que afinal conhecemos muito bem! Antes, na era impressa, esse tipo de situação era muito mais difícil acontecer. As características da televisão – que com o som e a imagem aproximam mais as figuras públicas e os artistas do telespectador – é que se tornou possível e comum esse tipo de veiculação.

Meyrowitz se preocupa em entender como as situações sociais se transformam por causa dos meios de comunicação eletrônicos e como isso modifica o comportamento social das pessoas. Os meios eletrônicos entraram em nossas vidas e redefinem velhas situações sociais. A questão, a saber, é como isso modifica o nosso dia-a-dia. Colocando de outra forma, o que muda quando deixamos de escrever uma carta para fazer uma ligação telefônica ou quando deixamos de fazer um telefonema para escrever um e-mail.

Para responder a esses questionamentos Meyrowitz decidiu unir a Teoria do Meio ao Interacionismo Simbólico (situacionismo) proposto por Erving Goffman. Para Meyrowitz, Innis e McLuhan levaram pouco em consideração a influência dos meios de comunicação na interação face-a-face. E, por sua vez, os situacionistas deram pouca relevância aos efeitos dos

⁵ "like a mystical religion: 'mcluhanism' seems like overwhelming truth to those who believe in it and like hogwash to those who do not."

meios. Enquanto estes estão interessados em como nossas ações são modificadas por causa do acesso ao conhecimento, os teóricos do meio se preocupam em entender como um novo meio de comunicação muda os modelos de acesso ao conhecimento. Os situacionistas elegeram como objeto privilegiado de estudo o comportamento social e os teóricos do meio, por sua vez, elegeram o meio de comunicação.

Os teóricos do meio descrevem como um meio reformula os grandes ambientes culturais e estruturas institucionais, mas eles não nos dizem muito sobre os caminhos em que os meios remodelam situações sociais específicas ou os comportamentos sociais cotidianos. Por outro lado, a maior parte dos situacionistas está preocupada em descrever situações e comportamentos como eles existem na sociedade mais do que analisar como e porque as situações se desenvolvem⁶.

Goffman acredita que cada um de nós desenvolve vários papéis sociais para as diversas situações pelas quais passamos. Nós temos diferentes personalidades para diferentes situações sociais. Conforme o autor, somos como atores e para cada audiência apresentamos diferentes versões de nós mesmos. Os papéis que representamos no nosso cotidiano são modificados pelo conhecimento das situações e pelas formas de acesso a este. Então, nosso comportamento muda de acordo com o nível de informação que temos das situações que participamos e dos outros personagens com que nos relacionamos.

Para dar uma nova perspectiva a Teoria do Meio, Meyrowitz se apropria desses conceitos de Goffman e, principalmente, da tipificação do comportamento proposta pelo autor. Goffman divide os comportamentos sociais em dois: *back region* (*backstage behavior*), ou seja, quando estamos relaxados, sozinhos ou em frente a pessoas que não nos importamos que nos vejam sem uma performance particular e preparada; e o *front region* (*onstage behavior*), ou seja, a representação de nós mesmos que construímos para audiências particulares. O *front region* é tenso porque exige de nós atenção no papel que desempenhamos para não deixar escapar o *back region* desse comportamento. Quando representamos esse tipo de comportamento desejamos impressionar uma audiência e, portanto, tentamos sempre ter nosso "texto de interpretação" pronto.

Para ficar mais clara a tipificação do comportamento podemos exemplificar imaginando o nosso ambiente de trabalho. Há certamente comportamentos que nunca explicitamos em frente aos nossos chefes. Nós não falamos de nossas conquistas amorosas e aventuras sexuais, mas, sem dúvida, nos sentimos mais a vontade de comentar sobre esses assuntos com nossos

⁶ "The medium theorists describe how media reshape large cultural environments and institutional structures, but they do not tell us much about the ways in which media reshape specific social situations or everyday social behaviors. For their part, most of the situationists are more concerned with describing situations and situational behaviors as they exist in a society rather than in analyzing how and why situations evolve" (Meyrowitz, 1985, p. 33).

colegas de trabalho. Na frente dos nossos superiores tendemos a ter uma postura mais séria que transpareça o nosso compromisso e responsabilidade com o trabalho que executamos. Quando saímos do clima de tensão e estamos a sós com nossos colegas nos permitimos ficar mais relaxados e fazer piadas e brincadeiras sobre assuntos triviais. Quem desempenha um comportamento *front region* tem compulsoriamente um *back region* para equilibrar sua performance. Os comportamentos *back region* e *front region* não são executados para a mesma audiência.

O leitor deve estar se perguntando agora como a Teoria do Meio e o Situacionismo podem se unir para dar luz a uma proposta de pesquisa coerente. Meyrowitz considera o fato de que uma alteração nas situações sociais age diretamente sobre os nossos comportamentos sociais. Colocando de outra forma, as mudanças nas situações sociais podem diminuir ou aumentar as fronteiras entre os nossos comportamentos *back region* e *front region*.

Meyrowitz acredita que os meios de comunicação modificam as situações sociais porque alteram o nosso sentido de lugar e nosso acesso aos sistemas de informação. Se antes as situações eram geralmente definidas por sua localização física atualmente os meios de comunicação eletrônicos mudaram essa concepção. Hoje é possível, mesmo confinados em casa ou numa fazenda distante, termos as mesmas possibilidades de acesso à informação que um cidadão lançando mão de determinados meios de comunicação. É óbvio que poderemos citar alguns casos que a localização física é sinônimo de acesso a informação, mas os meios eletrônicos vêm drasticamente quebrando essa relação.

Meyrowitz defende que um meio de comunicação é capaz de mudar nossas performances porque derruba as fronteiras físicas e espaciais e criam novas situações que demandam novos comportamentos. Utilizando um meio podemos conhecer melhor o comportamento e ações dos nossos próprios grupos e dos outros. Sendo os meios de comunicação os responsáveis pelo acesso ao conhecimento eles têm uma relação direta com os modelos de inclusão e exclusão, que definem as situações sociais. Os grupos sociais são formados geralmente pelo conhecimento em comum entre os membros dos grupos. Por exemplo, o grupo de garçons tem em comum as informações necessários para atuar como garçom. É naturalmente excluído desse grupo que não tem acesso as informações específicas dele. Os meios eletrônicos, de acordo com Meyrowitz, não só dão acesso ao fluxo de informações como também mudam as fronteiras das situações sociais, ou seja, eles podem definir quem está dentro e quem está fora delas.

Quanto mais um meio de comunicação tornar acessível o *back region* das pessoas, dos grupos ou das instituições mais a audiência se torna parte do drama. Para Meyrowitz, os meios eletrônicos estremecem as fronteiras entre o público e o privado promovendo para a sociedade uma superexposição, jamais ousada, do comportamento *back region* privado das pessoas e dos grupos. Temos uma oferta desconcertante de informações da vida privada dos representantes públicos, dos artistas e até dos jornalistas. De acordo com Meyrowitz, quanto maior for a exposição do *back region* mais livre é o fluxo de informações.

▪ 2 – Categorias de papéis sociais

Os fluxos de informações são limitantes porque definem o comportamento social e até as categorias de pessoas que têm acesso a eles. Para Meyrowitz, geralmente as pessoas que têm acessos semelhantes aos mesmos sistemas de informações tem o mesmo nível social. Por exemplo, os alpinistas formam um grupo porque cada membro tem acesso praticamente às mesmas informações que os outros sobre esse esporte.

Para explicar como os meios de comunicação eletrônicos modificam as diversas situações sociais influenciando diretamente nossos comportamentos sociais, Meyrowitz usa três tipos de categorias sociais para desenvolver suas proposições: grupos de identidade, socialização e hierarquia. O autor escolheu essas categorias porque elas estão presentes na vida diária de qualquer homem e não são exclusivas entre si, ao contrário, elas são geralmente vividas de forma concomitante. Certo indivíduo pode concentrar em si diferentes papéis sociais: ser pai, aluno, profissional. Os grupos de identidade são compostos pelo que o autor chama de "separados, mas iguais", como homens e mulheres. Socialização são as etapas que todos passamos quando, para atingirmos um determinado objetivo, precisamos ter um fluxo gradual e controlado de informações, por exemplo, passar da infância para a fase adulta. Hierarquia concerne aos "separados e desiguais", ou seja, às pessoas que têm níveis de informações diferenciados, como políticos e eleitores.

Essas três categorias de papéis não foram escolhidas porque são mutuamente exclusivas, mas porque, em combinação, elas são socialmente inclusivas; isto é, tomadas juntas, elas cobrem virtualmente toda a fachada de cada papel social. Realinhamentos nos grupos de identidade, estágios de socialização e ordem de hierarquia mudariam toda a estrutura da vida social⁷.

⁷ *These three categories of roles were not chosen because are socially inclusive; that is, taken together, they cover virtually every facet of every social role. Realignments in group identities, socialization stages, and ranks of hierarchy would change the entire structure of social life". (Meyrowitz, 1985, p. 53)*

Meyrowitz se apropria dessas categorias para detalhar a influência dos meios de comunicação sobre elas e com isso, dada a abrangência desses papéis, mostrar o comportamento social e as situações sociais de toda a sociedade.

De acordo com o autor, nos grupos de identidade as pessoas estão unidas pelo que elas sabem umas sobre as outras, mas "escondem" dos outros grupos. Colocando de forma diferente, nos reconhecemos como parte de um grupo quanto mais nós participamos do *back region* desse grupo. E isso não tem necessariamente nenhuma relação com a localização geográfica. Por exemplo, se dois brasileiros, que nunca se viram antes, um morador da região sudeste e outro da região nordeste se encontrarem na França vão sentir que compartilham inúmeras informações que os fazem um grupo separado aos dos franceses. O que Meyrowitz defende é que os grupos de identidade variam de acordo com o sentido dos "nós" e do "eles" e isso depende diretamente do fluxo de informações a que as pessoas têm acesso. Os membros de um mesmo grupo se reconhecem pelas informações e experiências similares.

As etapas de socialização acontecem quando as pessoas recebem informações graduais e sequenciadas para se tornarem parte de um grupo. Essas etapas de socialização são socialmente convencionadas e sofrem interferência direta dos meios de comunicação por possibilitarem o acesso a informação. Quanto mais o meio agrupar as pessoas (pela idade ou pelo nível de conhecimento) mais ele cria etapas de socialização. Mas, se ao contrário, o meio tiver menos controle sobre o acesso a informação, teremos menos estágios de socialização. No caso de um estudante de medicina, por exemplo, quanto mais ele conhecer sobre o comportamento *back region* da classe médica, mais rápido ele se comportará como um médico. O meio pode acelerar ou retardar o processo de socialização de acordo com a liberação de informações sobre os comportamentos de *back region*.

Os papéis hierárquicos dependem de quem tem e que não tem acesso a informação. Quanto mais se consegue controlar esse acesso, maior será a distinção entre as pessoas. A autoridade é fortalecida ou enfraquecida de acordo com a possibilidade de acesso aos sistemas de informações. O meio de comunicação pode interferir diretamente nos papéis de hierarquia porque eles dependem de esconder o *back region* para conservar a aura de mistério e magia. Quanto mais o meio der acesso aos comportamentos de *back region* mais ele tende a tornar as pessoas ou grupos iguais. Por exemplo, conhecer os outros papéis que os políticos atuam, quando não estão na frente do público ou quando estão interagindo com diferentes audiências, pode desmitificar a aura que produzimos em torno da imagem heróica dele e revelar a sua "humanidade" vulgar.

Se antes a autoridade estava ligada ao controle territorial, agora ela está intrinsecamente ligada ao controle da informação. Para Meyrowitz, quanto mais o meio de comunicação manter a relação entre isolamento físico e inacessibilidade social, mais ele dá suporte as mitificações hierárquicas. Reciprocamente, quanto mais o meio rompe com a localização física mais ele fomenta a possibilidade da mesma chance de acesso a informação entre as pessoas.

▪ 3 – A influência dos meios de comunicação eletrônicos nas categorias de papéis sociais

Chegamos agora num ponto fundamental do pensamento de Joshua Meyrowitz. Para “medir” e exemplificar as mudanças que os meios de comunicação são capazes de promover, o autor se utiliza das categorias sociais (anteriormente estabelecidas) analisando o impacto dos meios eletrônicos nelas – aproveitando a base teórica do Interacionismo, o qual defende que as mudanças no comportamento social dependem do nível de informação e do conhecimento das pessoas.

A partir de agora vamos examinar mais aprofundadamente a aplicação direta que a segunda geração faz para analisar o efeito dos meios de comunicação eletrônicos nas três categorias de papéis sociais: grupos de identidade, socialização e hierarquia.

A enxurrada de informações proporcionadas pela televisão tem impacto direto nos grupos de identidade. Uma vez que os grupos têm informações uns sobre os outros, as barreiras tradicionais existentes entre eles são enfraquecidas. A exposição dos comportamentos *back regions* dos grupos promove uma interação única e muito mais íntima e pessoal, tendo em vista, que ela perturba o sentido de "nós" e "eles" dentro dos grupos. De acordo com Meyrowitz, nós passamos a conhecer diversos pontos de vistas de várias situações. Os segredos dos grupos são expostos simultaneamente para a grande massa de telespectadores.

Um resultado dessa perspectiva compartilhada e a comum mistura de situações é que os membros de grupos formalmente isolados e distintos passam a demandar direitos e tratamento ‘iguais’. Esta análise, portanto, oferece uma possível explicação para o recente e súbito aumento das minorias como um potente força social e política⁸.

⁸ “One result of this shared perspective and more common set of situations is that members of formerly isolated and distinct groups begin to demand ‘equal’ rights and treatment. This analysis therefore, offers one possible explanation for the recent sudden rise of ‘minorities’ as potent social and political forces” (Meyrowitz, 1985, p.132).

Meyrowitz defende que a exposição às informações dos meios eletrônicos faz com que as pessoas queiram ser reconhecidas como iguais. E antes que os estudiosos do conteúdo se apressem em explicar a questão, isso não tem nada a ver com o conteúdo. Mesmo que eles sejam opostos aos desejos e interesses dos grupos apresentados isso traz um “despertar” para os direitos desses grupos. Esse fato está diretamente ligado à forma do meio. E, no caso dos meios eletrônicos, a forma de veicular as informações, mais informal, mais íntima e muito mais acessível ao consumo, faz com os grupos reajam ao se verem representados de forma desigual. Conforme Meyrowitz, a integração da informação faz nascer a tensão social adormecida pela uniformidade do meio impresso (Meyrowitz, 1985, p. 133).

De acordo com Meyrowitz, os meios eletrônicos ainda vão além: eles podem possibilitar a chance das pessoas se reconhecerem como parte de um grupo. Como a quebra entre a relação da localização física e do acesso a informação a televisão potencializa seu impacto nos grupos de identidade. Expondo os comportamento *back regions* dos grupos simultaneamente em cadeia nacional outras pessoas vão reconhecer que fazem parte do grupo porque se identificam com o *back region* dele. Por exemplo, um grupo de praticantes de esportes radicais pode se reconhecer pela televisão por causa dos procedimentos que adotam na prática desportiva.

Ao mesmo tempo em que os grupos expostos perdem o controle sobre o segredo dos seus comportamentos *back regions*, eles ganham acesso ao comportamento *back region* de outros grupos. Para Meyrowitz, a tendência é que essa linha divisória entre os grupos se enfraqueça até que o sentido “eles versus nós” seja modificado dentro dos grupos de identidade.

Quanto à segunda categoria de papel social, Meyrowitz acredita que as etapas de socialização sofrem igualmente a influência dos meios eletrônicos. Como observamos no tópico anterior, a socialização depende diretamente do controle ao acesso à informação. Quanto maior for esse controle, maior será o número de etapas que as pessoas terão que cumprir para fazer parte dos grupos.

Quanto mais uma pessoa aprende como as pessoas de outro estágio de socialização se comportam mais ela pode selecionar os aspectos desse comportamento para ele mesmo. Como todos nós aprendemos sobre as definições de situações que não experienciamos

diretamente, parece menos importante no processo de socialização “agir numa certa idade” ou “agir num certo estágio” (Meyrowitz, 1985, p. 152)⁹.

Para o autor (Meyrowitz, 1985, p. 153), quanto mais temos acesso aos comportamentos *back regions* dentro do nosso próprio grupo, menor será a distinção entre os membros dos grupos. De acordo com ele, a facilidade com que os meios de comunicação eletrônicos disponibilizam o acesso à informação em diferentes regiões simultaneamente faz com nós saibamos cada vez mais sobre as etapas de socialização dentro dos grupos. Por exemplo, um estudante de medicina depois de conhecer os comportamentos *back regions* de seus professores pode não mais se sentir intimidado na frente deles e assumir um comportamento de colega de profissão e não de estudante. Então, Meyrowitz defende que quanto mais sabemos sobre as etapas de socialização, dentro de um determinado grupo, mais nos consideramos como iguais. “A Televisão revela a simples humanidade, a mediocridade de quase todo mundo é ‘exposta’ para uma audiência. E, enquanto, esta exposição pode tranquilizar, me confortar por um lado, também pode desmitificar e às vezes, desapontar”¹⁰.

O autor defende que a televisão quebra a relação entre o acesso a informação e o espaço físico. A experiência é compartilhada em ampla escala e simultaneamente. As velhas perspectivas e os segredos sobre os grupos são revelados em pleno horário nobre.

A última categoria de papel social que Meyrowitz analisa, a hierarquia, também sofre visivelmente a influência dos meios de comunicação eletrônicos. Pelas mesmas razões que citamos antes: o grande volume disponível de informações e possibilidade muito maior de acesso ao conhecimento. Os meios eletrônicos desmitificam o ritual político. A figura do político (as expressões, as emoções, os sentimentos) fica tão exposta e acessível que ele se torna uma “pessoa comum” aos olhos da grande audiência.

De acordo com Meyrowitz, as informações sobre a vida privada dos políticos e a intimidade com suas performances tornam o político mais próximo da audiência. Antes, na era escrito/impressa, era possível preparar grandes discursos para audiências diferenciadas. Os políticos tinham tempo para preparar textos perfeitos, mesmo porque o meio demanda objetividade, clareza e precisão, para atuar em grandes oratórias. Os meios de comunicação eletrônicos exigem do político uma nova postura. Não há mais tempo para um discurso

⁹ “The more one learns about how people of another stage of socialization behave the more one can select aspects of that behave for oneself. As we all learn about the definitions of situations we have not yet experienced directly, it seems less important to ‘act one’s age’ or to ‘act one’s stage’ in a socialization process” (Meyrowitz, 1985, p. 152).

¹⁰ “Television reveals the simple humanity, the ordinariness of almost everyone it ‘exposes’ to an audience. And while this exposure may be reassuring and comforting in one sense, it is also demystifying and at times, disappointing” (Meyrowitz, 1985, p. 155).

formal, frio e específico. A televisão exige uma postura informal e íntima e um discurso único, que possa ser veiculado para milhões de pessoas simultaneamente. “A imagem do grande líder depende da distância, mistério e da cuidadosa administração das impressões públicas. Através da televisão, nós vemos muito dos nossos políticos, e eles estão perdendo o controle de suas próprias imagens”¹¹.

Meyrowitz acredita que o desgaste que sentimos atualmente em relação a imagem do político está diretamente relacionada com a exposição dos comportamentos privados deles. A despeito de todos nós desempenharmos vários papéis, de acordo com cada audiência, nós encaramos isso no mundo político como desonestidade e cinismo. Portanto, um político que prepara um discurso específico para cada audiência certamente será taxado de desonesto. A tendência é que ele fale para o grande público de uma forma geral.

Para Meyrowitz, a exposição dos comportamentos *back regions* dos políticos faz com que eles pareçam ser iguais a qualquer pessoa. Se a manutenção do alto padrão social depende do acesso desigual a informação, a televisão desestrutura essa relação. Ela nos aproxima das autoridades, faz com que conheçamos suas expressões, gestos nervosos, emoções afinal nos tornamos muito mais íntimos dos nossos líderes políticos. Como consideramos anteriormente, a maior circulação de informação e a acessibilidade a esta fazem com que nos sintamos iguais.

Os meios eletrônicos têm fomentado o crescimento de um sistema neo-feudal de vassalos e lordes da política local com um declínio relativo do poder e da influência das autoridades centrais. Uma das ironias da era eletrônica é que os novos meios têm mantido completamente centralizado o possível controle técnico, ainda que socialmente inaceitável¹².

Os meios de comunicação eletrônicos tornam público o privado. A grande singularidade deles é tornar público o que era para ser comportamento *back region*. Os políticos de fato são um exemplo muito claro disso. Suas imagens, expressões, comportamentos *back regions* são muito explorados pela televisão. O que pode haver de mais interessante do que ver um grande líder fazendo atividades comuns? É essa “humanidade” que os meios eletrônicos procuram. É a simulação da própria realidade a intenção da televisão. É claro que no ímpeto de preservar suas imagens os políticos podem até intensificar seu comportamento *front region* na frente das câmeras, entretanto, esse posicionamento não pode ser mantido por muito tempo porque além

¹¹ "The great-leader image depends upon distance, mystery and careful management of public impressions. Through television, we see too much of our politicians, and they are losing control over their images" (Meyrowitz, 1984, p. 47).

¹²"Electronic media have fostered the growth of a neo-feudal system of local political vassals and lords with a decline in the relative power and influence of central authorities. One of the ironies of an electronic age is that new media have made completely centralized control technically possible yet socially unacceptable" (Meyrowitz, 1985, p. 172).

de estressante para quem o executa também pode ser interpretado como arrogante ou demasiadamente meticuloso e distante.

Conclusão

Algumas observações agora se fazem necessárias. A primeira diz respeito à capacidade de explicação da Teoria do Meio. Meyrowitz, sem dúvida, fez um importante trabalho no sentido de tornar as bases teóricas e metodológicas dessa corrente mais rigorosa, do ponto de vista científico. Os estudos de Innis e McLuhan estavam isolados. Esses autores apareciam, no âmbito do saber comunicacional, como pesquisadores independentes. Reconhecendo o elo que os une, Meyrowitz deu força, impulso e continuidade a um pensamento fundamental para a pesquisa em Comunicação.

Essa necessidade de tornar mais rigorosa as pesquisas da Teoria do Meio levou o autor a convergir os estudos da Teoria do Meio ao Interacionismo Simbólico. Esse foi um passo muito importante para essa corrente porque centrou suas pesquisas na influência dos meios no cotidiano das pessoas. Ou seja, para fugir da dispersão – da qual os pesquisadores da primeira geração foram acusados –, Meyrowitz foi o mais preciso possível na busca de resultados mais consistentes sobre o fenômeno dos canais.

De fato, essa união com o Situacionismo traz uma nova perspectiva teórico-metodológica para a Teoria do Meio, fundamental para a sua expansão e continuidade no rol das perspectivas contemporâneas do Saber Comunicacional. Sem dúvida, essa opção trouxe mais rigor às pesquisas e mais fundamento às assertivas sobre os efeitos dos meios de comunicação.

Entretanto, é importante afirmar que a Teoria do Meio não está pronta e acabada. Ao contrário, faz apenas vinte anos que Meyrowitz dedica-se a essa corrente, o qual sabemos ser um tempo muito curto para definições na área da pesquisa. Além disso, nas nossas investigações não encontramos, ainda, críticos ou seguidores desse pesquisador. Isso revela a novidade e, em certa medida, o anonimato que esse tema representa na pesquisa em Comunicação.

A obra de Meyrowitz, portanto, incorre em alguns problemas que, no geral, estão relacionados aos problemas da primeira geração: um determinismo tecnológico que dá aos meios de comunicação papel privilegiado em várias situações omitindo outros fatores tão ou mais importantes. No entanto, isso também se explica pela falta de interlocutores – críticos e

seguidores – dessa corrente. Por isso, acreditamos que o esforço desse autor em trazer para o meio acadêmico o debate sobre fenômeno dos meios por si só já é suficiente para justificar sua pesquisa.

Bibliografia

- INNIS, Harold A . *Empire and communications*. Toronto: Press Porcépic Victoria, 1952.
- INNIS, Harold A . *The bias of communcation*. Toronto: University of Toronto Press, 1971.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios são as massa-gens*. Rio de Janeiro: GB. Tradução de Ivan Martins, 1969.
- MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place – the impact of electronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.
- MEYROWITZ, Joshua. “Analyzing Media: Metaphors as Metodologies.” Paper presented at the New England Conference. Amherst, Ma, november, 1980. pp. 14-15.
- MEYROWITZ, Joshua. “Media, Place, and Multiculturalism.” In: *Society Journal* 30(5). New York, 1993. pp. 41-48.
- MEYROWITZ, Joshua. “Images of Media: Hidden Ferment – and Harmony- In the Field.” In: *Journal of Communication*. New York, 1993. pp. 55-66.
- MEYROWITZ, Joshua. “Multiple Media Literacies.” In: *Journal of Communication* 43(3). New York, Summer, 1998. pp. 96-108.
- MEYROWITZ, Joshua. “Shifting Worlds of Strangers: Medium Theory and Changes in ‘Them’ versus ‘Us’.” In: *Sociological Inquiry*. United States, 1997. pp. 59-71.
- MEYROWITZ, Joshua. “The Adultlike Child and the Childlike Adult: Socialization in an Eletronic Age.” *Daedalus*. United States, 1984, vol. 67, n° 1, pp. 19-48.
- MEYROWITZ, J. Medium theory. In D. Crowley & D. Mitchell (org). *Communication theory today*. Cambridge, England: Polity Press, 1994. pp. 50-77.
- MEYROWITZ, J. "Where have the children gone?" Newsweek, 30 august, 1982, vol.13.
- MEYROWITZ, J. "Taking McLuhan and 'medium theory' seriously: technological change and the evolution of education". In: Stephen T. Kerr (Ed.). *Technology and the future of schooling*. University of Chicago Press, 1996, 75-110.